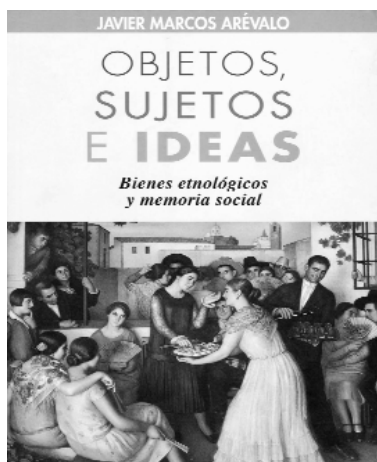


RECENSÕES



Arévalo, Javier Marcos – *Objetos, Sujetos e Ideas* – *Bienes etnológicos y memoria social*, Badajoz, Servicio de Publicaciones del Ayuntamiento de Badajoz, 2008

O Património entre a Teoria e a Prática – da investigação à intervenção

Objetos, Sujetos e Ideas – *Bienes etnológicos y memoria social* é o título do mais recente livro de Javier Marcos Arévalo, Director do Departamento de Antropologia e Psicologia da Universidade da Extremadura... um título elucidativo da forma e do conteúdo com que o autor expõe as mais recentes e sistemáticas abordagens do que se entende por Património.

Explicando com clareza pedagógica aos públicos interessados na matéria, como pode e deve trabalhar-se esta dimensão cultural numa perspectiva antropológica, Javier Marcos apresenta uma série de ensaios redigidos ao longo dos últimos anos resultantes da sua pesquisa, experiência e reflexão sobre o assunto, sem perder de vista a fundamentação científica que é urgente imprimir a esta problemática. De uma forma inovadora e efectivamente útil, este livro de Javier Marcos defronta o leitor com o reconhecimento da necessidade de repensar a questão, para além da tendências conjunturais da valorização do “antigo” e do “tradicional” como exibição de uma certa consciência cultural, politicamente correcta, nos dias que correm.

Na verdade, a problemática do património tem sido, regra geral e com raras excepções, sujeita a uma dicotomia analítica que urge denunciar para corrigir e que, para esse efeito, carece de uma explicitação fundamentada capaz de alterar os princípios subjacentes à filosofia da preservação patrimonial que, a julgar pelas aparências, parece dominar as políticas culturais contemporâneas na Península Ibérica. Por um lado, perspectiva-se o património material na sua asserção monumental, artística e arquitectónica e, por outro lado, o ainda que vago mas já enunciado património imaterial, como um conjunto de manifestações populares de carácter folclórico e, se assim podemos dizer, “kitsch”.

Chamando a atenção para a dimensão ideológica revelada pelas manifestações políticas sobre estas conceptualizações relativas à cultura, Marcos Arévalo permite que entendamos as políticas culturais ibéricas nesta matéria como uma forma de atenuar o impacto social da globalização homogeneizante em curso, face ao sentimento de desenraizamento e à resistência cultural que o mesmo pode suscitar na opinião pública, designadamente, entre as gerações que viveram o mundo rural que antecedeu a chegada da tecnologia que viabilizou e incrementa este processo. Sem que o autor se refira a Portugal, mantendo a delimitação da sua análise ao que ocorre no pano-

rama político-cultural espanhol, é, sem dúvida alguma, lícito, extrapolar as suas afirmações para o espaço português e para a sua realidade contemporânea, cuja política cultural nada tem de novo para oferecer ao país e onde nem sequer se ouvem críticas ou propostas alternativas a esse facto.

O carácter polissémico do conceito de património, a sua acepção tradicional identificada com processos de “coisificação” são, a par da definição do mesmo (reiterada e sustentada depois neste livro, ao longo do seu capítulo VI dedicado às considerações da UNESCO sobre os bens etnológicos) e da referência crítica, particularmente dirigida ao facto de ser comum o esquecimento de que “(...) a *significação cultural dos testemunhos patrimoniais deriva dos seus contextos de referência (...)*” (p. 22), o ponto de partida do livro. É aqui, na primeira parte do seu *Objetos, Sujetos e Ideas – Bienes etnológicos y memoria social* que, partindo da consideração da cultura como dimensão simbólica e mental, subjacente à própria criatividade material, Javier Marcos afirma que o sentido do património material decorre do património imaterial porque: “(...) *na prática, todo o património material tem incorporados componentes imateriais, tais como valores, símbolos, saberes, conhecimentos técnicos, etc. (...)*” (p. 23).

Afirmando a relevância assumida em termos de constituição e consolidação da memória social e colectiva das populações que a afirmam nomeadamente como recurso da auto-legitimação de uma identidade presente no seu património etnológico através da característica da *atemporalidade* (verificável, como bem destaca o autor na análise das expressões populares que visam datar fenómenos ou existências sociais e culturais, tais como: “*foi sempre assim*”, “*conheço isso desde que nasci*”, etc.), o autor esclarece o papel estruturante da memória. Primeiro, referindo que a memória partilha um *tempo individual* (de uma ou duas gerações) e um *tempo social* (a memória colectiva que respeita ao tempo de longa duração e na qual se inscrevem também os processos de idealização, mistificação e invenção) e, depois, identificando-a com a própria tradição e caracterizando-a como um processo selectivo, mutável e construído a partir do presente como recordação do passado e recurso de construção do futuro.

As palavras são de Javier Marcos: “(...) *Património y memoria são fenómenos interrelacionados. O património transmite a memória e na expressão de Bourdieu é um capital simbólico vinculado à noção de identidade. Quer dizer, o património como memória colectiva, mas também como algo vivo; tendo em conta que os povos e as suas tradições se estão re-criando continuamente. Porque uma das características do património é a sua função denexo ou vínculo que liga o passado ao presente. De facto, o património adquire sentido quando os contemporâneos o revivem e deste modo, dele se apropriam. De maneira que o património numa visão viva e dinâmica integra a permanência e a mudança; a tradição e a modernidade. A capacidade do património de representar a memória colectiva decorre do seu valor, primeiro, afectivo-emocional, depois do seu valor social e, por último, da sua significação simbólica e identificatória. (...)*” (p. 25). Neste contexto, o autor explicita os conceitos de “*bens culturais*” e de “*património cultural*” articulando-os, por um lado, com a dinâmica dos “*valores de uso*” próprios da tradição e com a vigência dos “*valores de mudança*” que se reflectem no turismo e no mercado e, por outro lado, com as configurações socio-territoriais locais e regionais, problematizando a relação entre formações identitárias e desenvolvimento.

Este interessantíssimo livro que parte de actualizadas conceptualizações teóricas, para proceder em seguida, através de uma aproximação de enfoque antropológico, às especificidades da arquitectura popular extremenha, é também, sem dúvida alguma, um trabalho notável no que se refere aos procedimentos didácticos inerentes ao estudo científico dos sub-sistemas culturais. Neste texto, o autor antecipa o que será posteriormente aprofundado no capítulo V, dedicado ao património antropológico e à realidade sociocultural da Extremadura que torna este livro uma referência incontornável da etnologia extremenha e uma obra significativa na história da etnologia ibérica. Aqui, a análise detalhada e bem observada – como aliás, é devido a um verdadeiro trabalho antropológico – da arquitectura regional da região extremenha, exemplifica bem a riqueza científica que a etnologia pode trazer para o conhecimento contemporâneo não só em termos de compreen-

são teórica dos modos de vida e de construção da organização social mas, muito especialmente, em termos de apoio ao desenvolvimento dos projectos de intervenção social que a mudança vai imprimindo cada vez mais e mais rapidamente, às sociedades tradicionais.

De facto, uma das notáveis mais-valias deste livro de Javier Marcos deriva da sua preocupação com o presente e o futuro da sociedade e da cultura extremenhas, preocupação que persiste, como uma constante, ao longo das cerca de 370 páginas deste livro e cuja pertinência transcende, em larga medida, o âmbito territorial da sua investigação por poder constituir-se como um referencial comparativo e orientador de um trabalho etnológico pormenorizado a levar a efeito em toda a Espanha e, porque não dizê-lo, em toda a Europa onde a política cultural está ainda muito aquém das potencialidades das próprias culturas que existem, vivas, como património e enquanto memória, em cada região e em cada país.

Neste sentido, merecem particular destaque os capítulos relativos, um, aos rituais festivos, testemunho da dimensão patrimonial imaterial que o autor tão bem explica e caracteriza, outro, às funções da tradição, do património imaterial e da identidade como lugares da memória social e outro ainda, ao papel do património cultural no desenvolvimento sustentado.

Contudo, quero aqui realçar a importância conferida pelo autor à dimensão museológica no que se refere à salvaguarda do património e da memória e à qual dedica três capítulos deste livro cuja apresentação crítica me apraz trazer a esta revista.

Instrumentos de valorização, estudo e preservação das heranças culturais patrimoniais, os museus ditos etnográficos são de uma utilidade social e pedagógica fundamental para a transmissão da memória e para o reconhecimento identitário das populações e dos lugares. Objecto de uma análise rigorosa e de uma crítica indispensável ao desenvolvimento de uma rede museológica de qualidade, Javier Marcos estudou os museus etnográficos existentes e emergentes na região espanhola da Extremadura, reflectindo cientificamente sobre o seu papel no desenvolvimento local e regional e contribuindo deste modo para a construção de uma política cultural que efectivamente promova essa dimensão da vida humana cuja existência tem sido relegada para um plano não prioritário da vida política, em detrimento da integração social dos cidadãos e das populações.

Diz o autor: “(...) *Na Extremadura, de forma geral, quer os museus existentes, quer os que estão em vias de abertura, não surgiram a partir de uma planificação lógica, estimulada/regulada pelo governo autonómico mas, isso sim, de forma espontânea e anárquica. (...) quando se fala de museus etnográficos, em determinados casos seria mais correcto falar de museus de História Local uma vez que, com relativa frequência, apesar de albergarem materiais etnográficos, contam com secções de arqueologia, arte religiosa, belas artes, artes sumptuosas ou arte contemporânea, etc. Neste sentido são herdeiros de uma herança decimonónica. A exibição de materiais de distintas tradições disciplinares introduz um elemento de confusão, apesar da sua exposição conjunta ser compreensível quando se pretende transmitir uma visão global da cultura local. Tal como é compreensível quando se pensa nos limitados recursos com que contam os pequenos municípios e como consequência da dificuldade em sustentar vários edifícios (...)*” (p. 93).

O olhar crítico de Javier Marcos não se permite escamotear a realidade; por isso, afirma: “(...) *Por outro lado, dá a impressão de que alguns museus locais justificassem a sua existência forçando uma suposta identidade, de que se toma consciência a partir da mudança social que se experimenta no meio rural nas últimas décadas. Reconstroem-se fragmentos alheados de uma cultura tradicional (...) que, sem sombra de dúvida, não joga apenas com o sentido de valorizar assepticamente o património mas, que arrasta também, implicitamente, importantes doses de etnocentrismo, que predispõem a supervalorizar o próprio em detrimento do alheio. Produz-se, com relativa frequência, uma sobre-estima do particular, que chega a idealizar-se mediante um processo desfocado de ensimesmamento e uma omissão consciente de outras formas culturais (...)*” (p. 94).

Colocando o “dedo na ferida”, o antropólogo conclui que, aos museus etnográficos: “(...) *Falta uma visão de conjunto da cultura e da interrelação dos aspectos distintos que configuram o sis-*

tema sociocultural (tecnoeconómico, sociopolítico, ideológico-simbólico). Esquecem-se de mostrar o próprio nexa de união entre tradição/progresso, quer dizer, não mostram nem a evolução da cultura nem a mudança social que constantemente experimenta o sistema sociocultural.(...)” (p. 94).

Reconhecendo a falta de dotação orçamental indispensável, Javier Marcos destaca a ausência de pessoal técnico como um dos maiores débitos da museografia contemporânea onde predominam, com prejuízo para a qualidade do trabalho produzido e para o rigor científico que se pretende transmitir aos públicos de acordo com os próprios objectivos museográficos, concepções e formações auto-didactas e amadoras.

Na realidade, como bem o afirma: “(...) Pretender que os aficionados, profissionais não antropólogos, etc., realizem as tarefas para as quais se prepararam disciplinarmente os antropólogos é uma ingenuidade ou uma ignorância científica.(...)” (p. 95) uma vez que: “(...) Só os antropólogos possuem formação teórica e metodológica adequada para fazer estudos etnológicos, ou seja, explicativos sobre a cultura, sobre as realidades socioculturais, sobre o património antropológico, material ou imaterial. (...)” (p. 95). A afirmação remete aliás para uma dimensão do trabalho museológico que, também em Portugal, tem sido ignorada, isto é, à dimensão de pesquisa que deveria estar integrada no trabalho corrente dos museus. No entender do autor, cabe aos museus promover e realizar investigação científica de carácter etnológico e apresentar devidamente sistematizados os seus resultados.

Não pretendo resumir aqui a obra do autor; pelo contrário, a minha intenção, na qualidade de autora desta recensão, é a de dar a conhecer um antropólogo e uma obra que merecem, inquestionavelmente, a nossa leitura e a nossa reflexão. Por isso, apesar da tentação, limito-me a referir o facto do livro de Javier Marcos integrar ainda um estudo antropológico de caso sobre as “culturas do vinho” perspectivadas em termos da interacção “simbolismo, sociabilidade e património vitivinícola” e terminar com a apresentação da legislação sobre o património etnológico nas comunidades autónomas do Estado espanhol a que se segue a enunciação de uma série de medidas para a salvaguarda e preservação de práticas sociais vivas e bens culturais, enquanto parte integrante do património imaterial que é, inquestionavelmente, a alma do Património e da Cultura.

Objetos, Sujetos e Ideas – Bienes etnológicos y memoria social, um livro a ler e a merecer a nossa melhor atenção que muito me honra trazer ao conhecimento de todos.

Nota: as citações do autor aqui apresentadas foram traduzidas pela autora desta recensão

Ana Paula Fitas